

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA DOCENCIA *ONLINE*¹

Wilson dos Santos Almeida².
Paulo Roberto Rufino Pereira³.

Universidade Estácio de Sá

Resumo

A pedagogia tradicional é baseada em uma modalidade de comunicação caracterizada por separar a emissão da recepção, conhecida como pedagogia da transmissão. O docente aqui é visto como o detentor do conhecimento e fonte de transmissão para o aluno. Nas salas de aula presenciais ou a distância podem ser utilizados recursos tecnológicos da informação e comunicação para atingir os objetivos didático-pedagógicos, nesses nossos tempos de cibercultura, principalmente, nos cursos de educação *online*. A pedagogia da “interatividade” deve ser implementada superando a separação emissão-recepção, fundamentando-se na: participação-intervenção, bidirecionalidade-hibridação e permutabilidade-potencialidade (SILVA, 2007). Nessa perspectiva faz-se necessária a formação de professores para a docência *online*.

Palavras-chave

Educação à distância – Interatividade – Aprendizagem – Cibercultura – Educação *Online*

INTRODUÇÃO

A educação a distância (EaD) tem como característica e diferencial o desenvolvimento de suas atividades educativas em lugares e tempos diversos. Pode ser potencializada pelas Tecnologias da Informação e Comunicação, que amplia as possibilidades dos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) como sala de aula virtual, possibilitando atingir seus objetivos didático-pedagógicos.

¹ Artigo científico apresentado ao eixo temático: Educação e Aprendizagem do III Simpósio Nacional da ABCiber.

² Doutorando em educação - UNESA - linha de pesquisa - Tecnologia da Informação e Comunicação. Orientador: Prof. Dr. Marco Silva. Professor do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IFSEMG), campus de Juiz de Fora – MG. E-mail: wilson.almeida@uff.edu.br

³ Mestrando em educação - UNESA - linha de pesquisa - Tecnologia da Informação e Comunicação. Orientador: Prof. Dr. Marco Silva. Professor do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IFSEMG), campus de Juiz de Fora – MG; Coordenador do Núcleo de Educação a Distância do IFSEMG. E-mail: paulo.rufino@uff.edu.br

Como acontece, *a priori*, no processo tradicional de ensino aprendizagem estão envolvidos estudantes e professores no desenvolvimento das atividades educativas. Mas na EaD, além deles também estão envolvidos outros profissionais na elaboração e execução dessa modalidade educacional.

A educação presencial tradicional centra-se no falar-ditar do mestre. É a pedagogia baseada em uma modalidade de comunicação caracterizada por separar a emissão da recepção, conhecida como pedagogia da transmissão. O docente aqui é visto como o detentor do conhecimento, fonte de transmissão para o aluno. A educação a distância como modalidade educacional tem como característica e diferencial da educação presencial o desenvolvimento das atividades educativas em lugares e tempos diversos.

Nas salas de aula presenciais ou a distância podem ser utilizados recursos tecnológicos da informação e comunicação para atingir os objetivos didático-pedagógicos, principalmente, nos cursos de educação *online*, nesses nossos tempos de cibercultura. A modalidade educacional a distância pode estar baseada na pedagogia da transmissão, sendo uma mera transposição da prática docente do presencial para essa modalidade ou baseada na superação da separação emissão-recepção, emancipando o aluno para a participação, para a co-criação, usuário das interfaces de interatividades dos ambientes virtuais de aprendizagem.

O grande desafio é a mudança paradigmática da pedagogia da transmissão, que está arraigada nas instituições escolares, para a pedagogia da interatividade. São três os fundamentos da pedagogia da interatividade: participação-intervenção, bidirecionalidade-hibridação e permutabilidade-potencialidade (SILVA, 2007).

EDUCAÇÃO E A INTERATIVIDADE

Na educação escolar clássica, estão diretamente envolvidos os professores e os alunos, sem considerar toda a estrutura educacional. Os professores exercem suas funções depois de passarem por um longo período de preparação, sendo necessária sua contínua formação e capacitação. Durante esse percurso, os professores atuais, em sua formação inicial se defrontaram com professores dos mais variados tipos, com as mais variadas características. Mas, possivelmente dentre outras características uma deve ser comum, o professor transmitindo informações, não podemos generalizar, mas essa característica é comum a grande maioria dos professores que estão atuando de norte a sul do nosso país, e possivelmente pelo mundo afora. Esse tipo de educação denomina-se pedagogia da

transmissão. Mas como ficam esses professores diante da diversidade e diferenças, das diferentes gerações?

Bordenave (1983) descreve que ao se falar de “fatores pedagógicos” estão incluídos nesta categoria os processos de ensino aprendizagem vinculados as necessidades do sistema produtivo, de acordo com os interesses de um determinado grupo social. Os processos educacionais têm por base uma determinada pedagogia, uma determinada concepção de como as pessoas aprendem, fundamentada em uma epistemologia ou teoria do conhecimento.

Esse autor reconhecendo uma numerosa diversidade de opções pedagógicas destacou três:

- a pedagogia da transmissão,
- a pedagogia do condicionamento e
- a pedagogia da problematização.

A pedagogia da transmissão é realidade e está arraigada nas instituições escolares, mas existem críticos a essa forma de educação. Essa pedagogia parte da premissa de que os professores são detentores do conhecimento, do saber, e os alunos uma tábula rasa a espera da recepção dos conhecimentos transmitidos por eles. Na maior parte dos casos esses professores utilizam-se somente da exposição oral.

As práticas pedagógicas trazem conseqüências individuais e sociais. Dentre as conseqüências individuais, citamos algumas levantadas por Bordenave (1989):

a) conseqüências individuais: transmissão e anotações e memorização das informações; alunos passivos; aceitação das fontes de informação (professores e livros); distância entre teoria e prática; distanciamento da realidade pelas faltas de discussões.

b) Conseqüências sociais:

adoção inadequada de informações e tecnologia de países desenvolvidos; adoção indiscriminada de modelos de pensamento elaborado em outras regiões (inadaptação cultural); conformismo; individualismo e falta de participação e cooperação; falta de conhecimento da própria realidade e, conseqüentemente, imitação de padrões intelectuais, artísticos e institucionais estrangeiros; submissão à dominação e ao colonialismo; manutenção da divisão de classes sociais (do *status quo*) (BORDENAVE, 1989, s/p.).

A pedagogia da transmissão atende aos interesses da sociedade disjuntiva, fragmentária, como as linhas de produção, em que o aluno chega à escola e recebe do professor as informações. Uma linha de produção do modelo fabril, dos “Tempos Modernos” de Chaplin, onde as peças defeituosas eram descartadas, e as boas seguiam até a conclusão de

sua construção. Uma escola onde os diferentes, os deficientes, os com dificuldade de aprendizagem etc. são deixados de lado.

Silva (2007) destaca que os desafios educacionais extrapolam a figura do professor, são desafios da escola, dos sistemas de ensino, para a educação em geral. O modelo comunicacional da pedagogia da transmissão, baseado no um-todos pode ser modificado pela ação efetiva dos professores. Mas terá pouco progresso, enquanto a escola se mantiver na *lógica da distribuição*. Seu posicionamento favorável para a mudança da lógica da distribuição para a lógica da comunicação está na necessidade de repensar e superar o sistema de ensino semelhante a uma fábrica, com toda sua lógica. Mudança do sistema escolar que tenha os seus alunos como clientes ou consumidores, recebendo, sob essa ótica, o que é distribuído nas salas de aula, as informações.

Esse modelo escola-fábrica para Tardif apud Silva (2007, p. 76) engendrou a concepção de sistemas escolares concebidos como “instituições de massa que dispensam, ao conjunto da população a ser instruída, um tratamento uniforme, garantido por um sistema jurídico e um planejamento centralizado. Seu modelo canônico de referência é o modelo fabril de produção”. Modelo dicotomizado onde uns produzem e outros executam, por exemplo, os livros são produzidos por uns, os escritores, e executados por outros, os professores. Nesse modelo o professor perde sua autoria, sendo um repetidor de conteúdos necessários para a progressão dos alunos no “processo produtivo”, não toma decisões sobre o que fazer, o que ensinar, quais as finalidades, quais conteúdos serão discutidos em sala, limita-se a reproduzir conteúdos que serão cobrados nos exames escolares ou pelo sistema educacional, o Ministério da Educação, por exemplo, com suas provas de avaliação em massa.

A escola ao assumir essa disjunção, da lógica da distribuição, faz com que o professor assuma o papel de mero transmissor de conteúdos para platéias passivas, receptoras de informações e repetidoras do que “receberam” nos processos avaliativos. Nessa escola não é possível a participação dos alunos. Essa prática enraizada historicamente tem hoje o desafio posto pelas novas tecnologias, para as quais as escolas e os professores não estão preparados.

Na pedagogia do condicionamento a ênfase está nos resultados comportamentais. Sua fundamentação é no behaviorismo e na reflexologia. Baseia-se no estímulo – recompensa, com objetivo de condicionar o aluno. Essa pedagogia tem conseqüências individuais: emissão das respostas condicionadas pelas informações dadas pelo professor; falta de questionamentos dos objetivos e métodos; falta de problematização da realidade; o aluno não tem oportunidade de criticar conteúdos; tendência ao individualismo e a competitividade; impossibilidade de

criatividade; etc. Tem também conseqüências sociais: tendência a robotização enfatizando produtividade e eficiência; dependência de uma fonte externa na condução das atividades; não se desenvolve a consciência crítica a cooperação; falta do conflito nas discussões como aprendizado social; conformismo; etc.

A Pedagogia da problematização parte do princípio que estamos em um mundo em constantes transformações, em constantes e rápidas mudanças, para essa pedagogia o importante não são só os conhecimentos, idéias e bons comportamentos dos alunos. Mas a capacidade dos alunos como participantes da transformação social. A capacidade desejada é de desenvolver o poder de problematizar, fazer perguntas, analisá-las, entendê-las e resolvê-las seja individualmente ou coletivamente. Como nos ensina Silva (2007) “faça você mesmo”.

Nessa pedagogia, espera-se como conseqüências individuais: aluno ativo, observador, formulador de perguntas, que expressa suas percepções e opiniões; aluno solucionador de problemas; aprendizagem relacionada com a realidade; desenvolvimento das capacidades de observação, análise, avaliação, etc.; intercâmbio, cooperação, superação de conflitos nas atividades em grupo. E como conseqüências sociais: população conhecedora da realidade; cooperação na superação dos problemas comuns; redução da necessidade de líderes, pois também são emancipados, líderes; resistência a dominação; etc.

Essas três concepções pedagógicas, dentre outras existentes, nos mostra as possibilidades de diferentes alunos que podem ser formados em sala de aula, repetidores das informações recebidas, por meio de treinamento comportamentalista ou de cidadãos conscientes de seus papéis no mundo, questionadores, críticos e “solucionadores de problemas”. Essa possibilidade parece ser contemplada com a pedagogia da problematização. Isso não nos permite somente tecer críticas as outras concepções pedagógicas, pois, essas também tem suas contribuições, existindo momentos em que seus métodos são necessários. O objetivo fundamental da educação está na formação integral do aluno capaz de pensar, raciocinar e tomar decisões embasadas em conhecimentos técnicos, éticos e sociais.

A pedagogia da problematização tem como pressupostos as propostas de Silva (2007) para as salas de aula presenciais “inforricas” ou “infopobres” e para as “salas de aula” virtuais, *online*. Esse autor propõe a “pedagogia da interatividade” sem insistir ferrenhamente em estar nominando uma nova pedagogia, mas por explicitar a marcação do terreno complexo na educação que em nosso tempo marcado pela “dissolução do sujeito”.

A educação *online* se apresenta como um grande desafio aos professores, que não se apropriaram do uso de mídias analógicas em suas salas de aula e agora tem os desafios do digital.

O professor que assume na educação *online* os procedimentos adotados na sala de aula presencial, principalmente o professor da pedagogia da transmissão, do modelo um-todos, não romperá com a barreira do silêncio virtual. Não haverá êxito nas atividades docentes do professor que simplesmente realiza a transposição do seu trabalho presencial para o virtual, a transposição implica na transformação do significado, coerente com o espaço educacional, presencial ou virtual. No ambiente virtual o professor deve modificar seu modo de comunicação, deixando de ser o contador de histórias, aquele que transfere os conhecimentos para os alunos. Não deve assumir ações simplificadoras do seu papel, tais como: “conselheiro”, “parceiro”, “guia”, “facilitador”, “administrador da curiosidade da criança ou do jovem” (SILVA, 2007, p. 73). Para esse autor, o professor que assume o papel de mediador na educação *online*, deve ter como importante característica ser provocador.

O professor nessa perspectiva não será mais um mero transmissor de informação, mas aquele que:

- Disponibiliza múltiplas experimentações, múltiplas expressões; disponibiliza um montagem de conexões em rede que permite múltiplas ocorrências;
- Formula problemas;
- Provoca situações de aprendizagem;
- Arquiteta percursos, como o *webdesigner*;
- Mobiliza a experiência do conhecimento sempre promovendo a interlocução dialógica e colaborativa entre os aprendizes.

As faculdades estão recebendo os primeiros “nativos digitais”. Esses adolescentes que estão iniciando suas vidas adultas, diferentes dos “imigrantes digitais” têm suas redes de relacionamentos ampliadas para além do mundo real.

Interatividade

Basicamente são três os fundamentos da interatividade que podem ser encontrados em sua complexidade nas disposições *online*: a) *participação-intervenção*: a participar não se restringe a apenas responder “sim” ou “não” ou escolher uma opção dada, o significado de participação e intervenção do usuário está na sua efetiva modificação da mensagem; b)

bidirecionalidade-hibridação: a comunicação é produção conjunta, colaborativa, da emissão e da recepção, é co-criação, os dois pólos codificam e decodificam, esses pólos devem ser entendidos no sentido da emissão e do usuário; c) *permutabilidade-potencialidade*: a comunicação nessa perspectiva supõe múltiplas redes articulatórias de conexões e ampla liberdade de trocas, de associações e significações (SILVA, 2009).

O professor ao operar como provocador no processo de ensino aprendizagem, de acordo com Silva (2009 s/p.):

Em lugar de guardião da aprendizagem transmitida, o professor propõe a construção do conhecimento disponibilizando um campo de possibilidades, de caminhos que se abrem quando elementos são acionados pelos educandos. Ele garante a possibilidade de significações livres e plurais e, sem perder de vista a coerência com sua opção crítica embutida na proposição, coloca-se aberto a ampliações, a modificações vindas da parte dos aprendizes. Assim ele educa na cibercultura. Assim ele constrói cidadania em nosso tempo.

Ao assumir a docência interativa, o professor deverá garantir atitudes comunicacionais que são específicas. Deverá: acionar a participação intervenção do usuário; garantir bidirecionalidade na comunicação; disponibilizar múltiplas redes articulatórias; “engendrar cooperação”; “suscitar a expressão e a confrontação das subjetividades no presencial e nas interfaces” possíveis com as novas tecnologias; ter no ambiente *online* de aprendizagem funcionalidades específicas, tais como: intertextualidade, intratextualidade, multivocalidade, usabilidade, integração de várias linguagens e hipermídia; estimular a autoria coletiva da avaliação, que favoreça seguramente a avaliação formativa e contínua (SILVA, 2009, s/p).

Na sala de aula *online* as possibilidades acima podem ser ampliadas com a utilização de interfaces *chat*, fórum, *blog*, *wiki*, videoconferência, audioconferência, portfólio, etc. Mas é o digital que permite transformações, modificações infinitamente, por todos os que desejarem agir ativamente, a plasticidade é característica dos textos, sons e imagens digitais. Os “objetos” assumem o caráter de imaterialidade, dando liberdade ao usuário de manipulações infinitas, de acordo com suas decisões e interesses. Diferente da tela da televisão que é somente um meio de transmissão de informações, o computador permite o “adentramento e manipulação de janelas móveis, plásticas e abertas a múltiplas conexões e conteúdos e interagentes geograficamente dispersos” (SILVA, 2007).

Para se considerar um bom curso seja presencial ou distância, esse deve ter, sob o ponto de vista de Moran (2009): docentes bem preparados intelectual e emocionalmente, educadores; alunos motivados; uma equipe de suporte, administradores, diretores e

coordenadores conscientes dos seus papéis no processo pedagógico e de ambientes que favoreçam a aprendizagem. Nesse caso em particular a educação a distância que não deve se reduzir a um lugar restrito a textos e conteúdos. Os bons cursos devem instigar a pesquisa, a troca, a produção conjunta. Devem contar com uma equipe multidisciplinar da área técnica e pedagógica, que trabalhem com espírito colaborativo, cooperativo, organizando esses cursos da melhor forma possível, para que aluno não se sinta “abandonado”, apesar da distância física entre professores e alunos (MORAN, 2009).

Concluindo podemos dizer que a participação-intervenção vista na perspectiva tecnológica enfatiza as potencialidades da tecnologia como veículo bidirecional e hipertextual da comunicação favorecendo a autoria do sujeito. Já na perspectiva política, a participação-intervenção do sujeito reivindica o direito de participação e intervenção no processo de autoria que contempla a polifonia de interesses que se manifestam nas diferenças culturais, ideológicas, religiosas, raciais e sexuais. Na perspectiva sensorial como potencializadora da disposição à participação e à intervenção a partir dos sentidos humanos, da linguagem e da ação. Nas perspectivas tecnológica, política e sensorial dentro deste novo contexto infotecnológico dão a dimensão das profundas mudanças que operam na prática cada vez mais eficiente da comunicação. Trata-se de uma mudança fundamental do esquema clássico de comunicação e que ocorre com a emergência da modalidade interativa da comunicação a partir da qual mudam respectivamente os papéis e o status do emissor e do receptor, quando a mensagem se apresenta como conteúdos manipuláveis. Na comunicação interativa se reconhece o caráter múltiplo, complexo, sensorial e participativo do usuário, implicando conceber a informação como manipulável, permitindo intervenção sobre os dados.

REFERÊNCIAS

BORDENAVE, J. E. D.; **Alguns Fatores Pedagógicos.** in Grandi, M. T., Revista Interamericana de Educação de Adultos, v. 3, n. 1-2 – PRDE – OEA, OPAS, Brasília, 1983. <http://www.opas.org.br/rh/publicacoes/textos_apoio/pub04U2T5.pdf>; acesso em 24 de junho de 2009.

MORAN J. M. **O que é um bom curso a distância?**, <http://www.eca.usp.br/prof/moran/bom_curso.htm>, acesso em, 08 de junho de 2009.

MORIN, Edgar. **Educação e Complexidade:** Os sete saberes e outros ensaios. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, M. (Org). **Educação online:** teorias, práticas, legislação, formação corporativa. São Paulo: Loyola, 2003.

SILVA, Marco. **Sala de Aula Interativa**. Rio de Janeiro: QUARTET, 2007, 4ªed.

SILVA, M.; SANTOS, E. (Orgs). **Avaliação da Aprendizagem em educação online**: fundamentos, interfaces e dispositivos, relatos de experiências. São Paulo: 2006.

SILVA, M.; SANTOS E., **Paidéia** - Revista Científica de Educação a Distância. Vol. 01. Número 1, 2008.
<[http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=article&op=view&path\[\]=31&path\[\]=22](http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=article&op=view&path[]=31&path[]=22)>; acesso em 04 de maio de 2009.

SILVA, M. **Cibercultura e educação**: a comunicação na sala de aula presencial e online; 2008. <
<http://www.thefreelibrary.com/Cibercultura+e+educacao:+a+comunicacao+na+sala+de+aula+presencial+e...-a0197040684>>, acesso em 04 de maio de 2009.